



A HISTÓRIA E A LITERATURA NO CAMINHO DOS TROPEIROS DO PARANÁ

Einetes Spada - FAMPER¹

Nayssara Spada²

1 Introdução

Falar de literatura e história com relação à trajetória dos tropeiros relatada por Domingos Pellegrini, significa trazer registros e memórias da construção da arte e do romance, em um fundo poético de lutas travadas por desbravadores nos caminhos do Estado do Paraná.

Em 1998 Pellegrini publicou o romance *A última tropa*, destinado ao público jovem, caracterizado como um repositório dos traços básicos do autor: o homem no âmbito das tradições de família e na relação com a natureza. A trama, como indica pelo título, envolve o caso de uma forma tradicional de atividade, o tropeirismo, a que se dedica a família do famoso tropeiro Zé de Tibagi.

Este representa o protótipo do explorador de caminhos: forte, autoritário, intransigente e mesmo violento. Tais características impedem-no de aceitar a realidade que se impõe: o tropeirismo como fonte da economia se tornou obsoleto em um mundo em que as trilhas se transformaram em estradas e o transporte é mecanizado.

A análise do romance fornece caminhos para situar a obra de Domingos Pellegrini no contexto da história do povoamento do Paraná, em que o tropeirismo desempenhou papel relevante e permite encontrar sugestões para um conhecimento extensivo da criação literária do autor.

Neste trabalho objetiva-se propor um recorte da dissertação de mestrado em Teoria Literária, que abordou como temática o universo romanesco de Domingos Pellegrini, de tropeiros a

¹ Mestra em Teoria Literária, Coordenadora do Curso de Letras/Espanhol/Inglês da FAMPER – Faculdade de Ampére, Paraná, Professora SEED/Paraná. E-mail: einetes@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ampére – FAMPER. Professora de Educação Infantil pela Prefeitura de Ampére. E-mail: nayssaraspada@gmail.com

viajantes, interpondo um contexto histórico que se impõe na literatura paranaense: história e literatura no desbravamento do Estado do Paraná.

2 Método

Investigação da cronologia, pesquisa do período histórico do livro *A última tropa*, de Domingos Pellegrini, a relação existente, o perfil literário, a contemporaneidade.

Análise do texto e o estudo de sua inter-relação com outras obras do autor, resgate de conhecimentos sobre o desbravamento e a exploração de territórios, sobre a vivência, a memória e a história daqueles que por aqui passaram, aprofundando o aprendizado, discussão e análise dos planos temporais.

3 Domingos Pellegrini Júnior: um escritor paranaense

Domingos Pellegrini Júnior é um escritor paranaense nascido e radicado em Londrina, desfruta de prestígio em âmbito nacional como detentor de dois prêmios Jabuti, reconhecimento concedido pela Câmara Brasileira do Livro primeiramente a seu livro de estreia *O homem vermelho*, coletânea de contos publicada em 1977 e, um quarto de século mais tarde, fechando um ciclo, ao romance *O caso da chácara chã*, em 2001.

Ao comentar sobre sua atividade de escritor, Domingos Pellegrini relata fatos de sua história de vida, tornados pitorescos e interessantes pela capacidade de ver o humor de certas situações e de rir de si mesmo.

Pellegrini atribui a origem do gosto pela leitura e, em consequência, pela arte da escrita a fatos corriqueiros de sua infância de menino pobre, mas rico em imaginação. Com a leitura dos clássicos juvenis, como *Robinson Crusóe* e *Aventuras de Gulliver*, e dos contos de Grimm e das fábulas de Esopo, apreendeu o senso de justiça, as bases de sua visão de mundo e, particularmente, a formação de contador de histórias, sendo que contar histórias é, de fato, seu dom maior.

Pellegrini não é apenas um narrador que relata pelo simples prazer de relatar. “Seus textos envolvem a natureza humana, buscam conhecer com profundidade a trama existencial do ser colocado num universo inóspito, agressivo” (SAMWAYS, 1988, p. 126).

Pellegrini defende a tese de que cada pessoa pode ter um ou mais dons artísticos; no seu caso, o de escrever histórias de sua vida. O mérito está em cuidar dessa dádiva e aperfeiçoá-la: “O dom capta as coisas. Esse dom não é mérito de quem o tem, diz respeito à loteria genética, pode cair em qualquer um” (SANCHEZ, 2017, p.1).

Valoriza, assim, a vocação acima da exposição midiática da literatura, pois sempre buscou transpor autenticidade, trabalhando com temáticas que o fascinavam e expressavam, por isso, suas melhores emoções (SILVA, 2016).

4 A literatura paranaense

Domingos Pellegrini Júnior nasceu em Londrina, em 1949, a apenas onze anos da data em que se completa historicamente o período de ocupação territorial do Paraná. A partir da década de 1960, informa Wachowicz, “cessaram de existir as frentes pioneiras, não restando mais terras a serem ocupadas e colonizadas” (2010, p. 327).

De maneira tangencial, porém, Pellegrini foi ele mesmo um pioneiro desbravador, ao colocar toda uma galeria de personagens a serviço da comunicação entre pontos distantes de nosso território. No lombo de cavalos ou na cabine de caminhões, tropeiros, mascates e viajantes povoam contos e romances de um dos escritores paranaenses de maior destaque no panorama atual da literatura brasileira.

Samways (1988) propõe uma divisão em fases do processo histórico da literatura no Paraná, que considera ter atingido a maturidade com a publicação da revista Joaquim, de 1945 a 1948. A primeira fase, correspondente ao período romântico, compreende precursores e pioneiros (1853-1895); a segunda (1895-1922) abriga naturalistas, parnasianos e simbolistas; a terceira (1922-1939) tem como marco inicial a Semana da Arte Moderna; a quarta abrange a obra de Rodrigo Júnior (1939-1945); a quinta fase seria marcada pelo advento da revista Joaquim (1945-1948) e a sexta fase, de 1949 em diante, abrangeria os moderníssimos. A estruturação coloca Pellegrini, evidentemente, na sexta fase, que representa um critério apenas cronológico e não aponta traços caracterizadores.

Ao próprio estado do Paraná faltam traços marcantes, a julgar pelos comentários de um editorial pouco lisonjeiro publicado por Brasil Pinheiro Machado, vulto expressivo da vida pública

e intelectual do Paraná no periódico carioca *A ordem*, que Bento Munhoz da Rocha Netto reproduz, em parte, no livro *O Paraná, ensaios*.

O Paraná é um Estado typico desses que não têm um traço que faça delles alguma coisa notavel, nem geograficamente como a Amazônia, nem pitorescamente como Bahia ou o Rio Grande do Sul. Sem uma linha vigorosa de historia como S. Paulo, Minas e Pernambuco, sem uma natureza característica como o nordeste, sem lendas de primitivismo como Matto Grosso e Goyaz. Dentro do Brasil já principiado, o Paraná é um esboço a se iniciar. Falta-lhe o lastro dos seculos. Apesar de ser o Estado de futuro mais proximo, forma nessa retaguarda característica de incaracterísticos. E olhando as oscilações de tudo, dos costumes indo e vindo, nem sempre evoluindo, da vida sem fixação nenhuma da quasi totalidade da população, eu poderia afirmar sem errar por muito que o paranaense não existe. Não sob o ponto de vista racial, que seria absurda no Brasil a existencia de mais de uma raça definida, quando sob esse aspecto, nem o brasileiro existe. O paranaense não existe, dentro do complexo brasileiro, como existe o paulista eloquentemente representado na historia por gigantescos homens de acção e pelo brilho dos intelectuaes. Não existe como existe o gaúcho, mais ou menos perfeitamente definido nos seus ideaes. Como o homem do nordeste, afirmando na tragedia da vida nordestina, como o mineiro, o baiano, tão bem representados nos guias da nossa historia. Sinão vejamos. O Paraná é um Estado sem relevo humano. Em toda a historia do Paraná, nada houve que realmente impressionasse a nacionalidade. Nenhum movimento com sentido consciente mais ou menos profundo. Nenhum homem de Estado. Nenhum sertanista. Nenhum intellectual. Nem ao menos um homem de letras, que saindo delle, representasse o Brasil [...]. A historia e a geografia não tiveram forças bastantes para affirmarem o Estado do Paraná. A historia, porque lá não houve o relevo historico. Ella se resumiu na conquista anonyma da terra e na colonização paulista. O Paraná e Santa Catharina [...] nos tempos heroicos do Brasil, representaram simplesmente uma estrada immensa e vasia, por meio da qual os tropeiros costumavam os pampas á grande união brasileira e os paulistas grudavam o sertão do oeste, fazendo o Sul todo girar em torno do maior centro de gravitação histórica do continente: São Paulo (sic).

Bento Munhoz da Rocha Netto, escritor e intelectual, governador do Paraná de 1951 a 1955, marcou época com discursos memoráveis pronunciados nas comemorações do centenário da emancipação política do estado, em 1953. Na réplica a Brasil Pinheiro Machado, publicada na mesma revista, Bento Munhoz da Rocha manifesta surpresa diante dos comentários detratores, que qualifica de negativos e mesquinhos e mostra-se eloquente na defesa da terra e da gente paranaense.

O Senhor Brasil Pinheiro Machado no número de Fevereiro da revista 'A ORDEM' do Rio, estudando o desnorteante da União Brasileira, fixa instantâneos paranaenses, entrevistas não sei por que prisma, que os torna negativos, mesquinhos, humilhantes e sobretudo falsos (sic).

Afirma que o Paraná, ainda que citado como uma indecisão geográfica, tem um aspecto físico totalmente seu: o pinheiro, o erval, a primazia da Serra do Mar, as cataratas do Iguazu, e as do

rio Paraná, todos aspectos que ‘Gritam que não formamos ‘nessa rectaguarda características de in características’ (ROCHA NETTO, 1930, p.110, sic).

E, referindo-se ao tropeiro, coloca-o no âmbito da significação do Paraná: “É o passo silencioso das carroças de quinze cavallos ao longo das estradas” (ROCHA NETTO, 1930, p.113, sic).

Estas duas publicações da década de 1930 resumem a opinião individual de Pinheiro Machado sobre o Estado do Paraná, e a réplica extremamente apropriada de Rocha Netto, com referência ao retrato do Paraná.

Uma publicação da Academia Paranaense de Letras, reproduzida no blog colaborativo da Literatura Brasileira e Paranaense, faz apanhado breve da literatura escrita no estado. Os comentários iniciais parecem reproduzir os estereótipos da falta de originalidade dos paranaenses, cuja literatura pouco tem a ver com a própria região e está aquém da que se realiza no país. Embora haja os que argumentam ter sido a literatura paranaense das primeiras a se envolver com o modernismo da década de 1920, outros contrapõem que não houve representação notável no Paraná, aonde o modernismo chegou de maneira sutil apenas vinte anos mais tarde (LITERATURA BRASILEIRA E PARANAENSE, 2017).

Como tentativa de modernização aponta a criação bem sucedida da revista Joaquim, principal destaque literário no estado, lançada em abril de 1946, direcionada à livre exposição de ideias e à atualização de modelos para a arte paranaense. Sob a liderança de Dalton Trevisan, escritores e intelectuais de renome escreveram na revista, cujo espectro abrangia artes plásticas, música, cinema, teatro e literatura. No período de circulação, de 1946 a 1948, traduziu o amadurecimento da mentalidade cultural paranaense, como reflexo do que acontecia em nível nacional, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.

Dalton Trevisan, alcunhado o Vampiro de Curitiba, e Paulo Leminski gozam de indiscutível projeção nacional e internacional. A Domingos Pellegrini faz-se breve referência como “autor de contos, romances e poesia com temática social”. A publicação destaca, ainda, que:

Segundo os críticos da literatura do Paraná, os autores possuem um amplo material para produção de uma obra de maior identificação com o Estado, citando como exemplo as diversas lendas existentes; o ambiente geográfico com seus pinheiros e campos gerais; os ciclos econômicos, como o do tropeirismo e o da erva-mate; e importantes acontecimentos históricos, como a Guerra do Contestado e a participação dos paranaenses na Revolução Federalista. Além disso, a própria figura do tropeiro poderia ser utilizada como a representação de um herói ou um modelo que identifique o povo do Estado para as outras regiões do país (LITERATURA BRASILEIRA E PARANAENSE, 2017, p.1).

A esse respeito observa Vanali (2014) que hoje há grandes nomes na literatura paranaense, muitos deles reconhecidos nacionalmente, que poderiam construir personagens que identificam o Paraná. A própria figura do tropeiro preencheria a lacuna de um herói regional, como modelo identificador do povo paranaense para as outras regiões do país.

Através dos escritos de Pellegrini percebe-se que ele relata o homem tropeiro como um ser simples, lutador, que busca meios para sobrevivência familiar e dias melhores, ou seja, aquele homem que queria ter seu pedaço de terra, segurança financeira. Então ele se colocava de corpo e alma, enfrentava dias frios, quentes, chuvosos com ânimo para conquistar a prosperidade.

5 Resultados e discussão

Bach (2010, p.139) salienta que na trajetória dos tropeiros, não havia um pouso sequer que não comportasse uma capelinha ou oratório, ou mesmo uma cruz sob um ranchinho de sapé. “A cidade de Ponta Grossa iniciou em um galpão de tropeiros e, no oratório da casa, se fazia festa anual em homenagem à Sant’Ana”.

O Sul do Brasil admitia a religiosidade do tropeiro de forma mais sentimental, sendo comum a prática da ladainha, associado ao som de lamento da viola antes de dormir, que contribuía para o clima de espiritualidade (BACH, 2010).

A modernidade, da mesma forma que os relatos de Pellegrini no romance *A última tropa*, pode acabar com o tropeirismo no sentido da lida em si, das caminhadas, das tropas, dos negócios de animais; o sentido do tropeirismo, no entanto, permaneceu nas tradições culturais de muitos povos, que ainda mantêm costumes, reverências, religiosidade e respeito pelo passado e pelos que passaram com ele.

Exemplos da manutenção do sentido do tropeirismo são registrados, agora em veículos de comunicação virtual, na rede mundial – internet, páginas web, blogs, na qual buscamos as novas informações, caracterizando a continuação do tropeirismo como grandes eventos que se repetem ano após ano, com o objetivo de manter vivas as tradições e de enviar adiante os conhecimentos e as histórias que foram registradas no tempo.

Isto inclui Pellegrini e sua obra, ora analisada e que registra a transição tecnológica que trouxe a melhoria das estradas e os caminhões para carregar os animais, bem como o i-fone para os netos do seo Zé de Tibagi, que são os novos personagens do presente da narrativa de Pellegrini:

Em Tibagi a rua da entrada esticou quase até o rio, com construções novas e modernas, mas depois de algumas quadras já começam as casa velhas, os sobrados antigos, e ele começa a apontar casas de conhecidos – mas o menino está com *fone de ouvido* e o moço caça uma estação no rádio (PELLEGRINI, 1998, p.132 – ênfase acrescentada).

Sobre esta transição, o tropeirismo possui página web própria: <http://www.rotadostropeiros.com.br>, e corresponde a Agência de Desenvolvimento Turístico e Cultural da Rota dos Tropeiros (ADRT), criada em 2007, caracterizada como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), formada por empresários turísticos de 16 municípios, os quais têm em sua história a influência do tropeirismo, visando “formatar produto competitivo no mercado turístico regional, estadual, nacional e internacional fornecendo a herança tropeira como um diferencial” (ROTA DOS TROPEIROS, 2017).

A Rota dos Tropeiros Paraná consta na página web Guia de Turismo Brasil, na qual são disponibilizados vídeos sobre a memória dos tropeiros, elencando as cidades pelas quais passam atualmente os novos tropeiros nas caminhadas: Arapoti, Balsa Nova, Campo do Tenente, Campo Largo, Carambeí, Castro, Jaguariaíva, Lapa, Palmeira, Porto Amazonas, Rio Negro, Sengés, Telêmaco Borba.

Na caminhada na Rota dos Tropeiros do Paraná:

O retorno aos mesmos pontos de parada e pouso é o embrião desses lugares turísticos no Paraná. Muita história é exalada de casarios antigos e do acervo dos museus em toda a região, e das lembranças da antiga Colônia Cecília, povoada por anarquistas no início do séc. 20, em Palmeira. Outra herança deixada pelas tropas é a alimentação: virado de feijão, arroz com carne seca e café. O roteiro inclui ainda festividades religiosas e comemorações populares: em Pirai do Sul, a Festa de N. Sra. das Brotas, padroeira da Rota dos Tropeiros, celebrada em Dezembro no Santuário de mesmo nome [...]. (GUIA DE TURISMO BRASIL, 2017, p.1).

O caminho das tropas teve sua localização pacificada na história da cidade de Ponta Grossa, Paraná, conforme registro na Figura 1.



Figura 1 – Marco remanescente da passagem de tropas na cidade de Ponta Grossa
Fonte: Paraná, 1989, p.74.

Outros marcos dessa passagem são registrados na cidade de Ponta Grossa, conforme mostra a Figura 2.

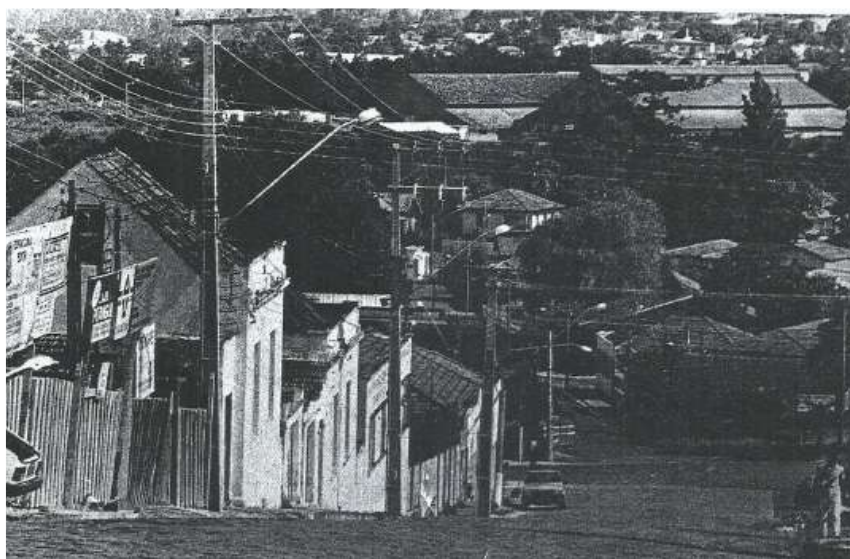


Figura 2 – Antigo local de passagem de tropas em Ponta Grossa
Fonte: Paraná, 1989, p.73.

Na Figura 3 são registrados momentos da caminhada pelos novos tropeiros, que mantêm a memória do tropeirismo no Estado do Paraná.



Figura 3 – Registro da caminhada pela Rota dos Tropeiros no Paraná
Fonte: Guia de Turismo Brasil, 2017.

A manutenção da memória do tropeirismo no Paraná foi responsabilidade também do Portal Paraná, também disponibilizado em página *web* na internet, que apresentou uma matéria jornalística sobre a história do tropeirismo e a sua importância para o Brasil; em vídeo de 4,31min. pode ser acessado gratuitamente no endereço eletrônico: <http://paranaportal.uol.com.br/blogs-memoria-paranaense/a-historia-do-tropeirismo-no-parana/> (WILLE, 2017).

Os relatos de religiosidade dos tropeiros e das manifestações de fé e agradecimentos constam na literatura paranaense sobre o tropeirismo, conforme expôs Bach (2010), quando os tropeiros entravam na cidade de Sorocaba, externando a sua alegria pelo cumprimento de mais uma etapa, visitando a padroeira do lugar:

Agradeciam a Deus com suas rezas e cânticos de louvor. Esse espírito religioso era fruto da contemplação direta da natureza, sem a presença do barulho e agitação das grandes cidades: as longas viagens, as noites estreladas, a necessidade de oração nos momentos difíceis, durante as tempestades, as doenças, a travessia de rios sem pontes ou nos precipícios (BACH, 2010).

Alguns ex-votos de tropeiros foram registrados na Capela de Nossa Senhora das Neves, no município de Palmeira, Paraná, região do Cercado, local de passagem e pouso de tropas, conforme mostrado na Figura 4.



Figura 4 – Ex-votos deixados nas imediações da Capela de Nossa Senhora das Neves, em Palmeira, Paraná, por tropeiros de passagem
Fonte: Paraná, 1989, p.78.

Em 2013 mais de mil cavaleiros de diferentes regiões do Brasil participaram da Tropeada de Ponta Grossa, um evento tradicional da cidade, uma homenagem aos costumes tropeiros da região, com a realização da 10ª edição (Figura 5).



Figura 5 – Tropeiros entrando na cidade de Ponta Grossa, em 2013
Fonte: Guia Cuca, 2013.

Registros sobre a manutenção da tradição do tropeirismo no Estado do Paraná constam no blog do então Vereador do município de Telêmaco Borba, Élio César Fubá, como grande entusiasta do Grupo Tropeiro Nossa Senhora das Brotas que desfilou na comemoração do aniversário de Telêmaco Borba, em 2012. Depoimento do patrono do Grupo ao confirmar a grande honra levar o nome dos tropeiros em uma comemoração do município indica a importância que ainda tem o tropeirismo: “Nós estamos todos unidos para conservar a tradição e mostrar o tropeirismo, que é algo que não pode ser esquecido em nossa terra” (AMIGOS DO FUBÁ, 2012, p.1).

Também o município de Campo Magro, no Paraná, em 2011, recebeu a visita de mais de cinquenta romeiros tropeiros, conforme registros imagéticos (Figura 6).



Figura 6 – Romeiros tropeiros visitando a igreja de Nossa Senhora de Brotas, em Campo Magro Paraná, em set. 2011
Fonte: Paróquia Senhor Menino Deus, 2011.

No ano de 2011, os romeiros tropeiros, devotos da padroeira da Rota dos Tropeiros se reuniram pela terceira vez no santuário, para agradecer diversas graças recebidas (Figura 7).



Figura 7 – Romeiros tropeiros, devotos de Nossa Senhora de Brotas, recebendo a bênção no Santuário
Fonte: Paróquia Senhor Menino Deus, 2011.

Analisando o registro fotográfico, verifica-se na comitiva de tropeiros a presença de jovens e de crianças, confirmando que a memória do tropeirismo vem alcançando as gerações presentes, com perspectivas de que atinja aquelas que virão, com o mesmo respeito às tradições culturais do passado.

Segundo o texto, a comitiva saiu de Campo Magro no dia 7 de setembro, percorreu a estrada do Cerne (PR 090), por 140 quilômetros até chegarem em Piraí do Sul. Os tropeiros fizeram três pernoites em fazendas e chácaras, sendo o último pouso foi no bairro das Pedras, município de Castro, propriedade de Rute Mainardes a 20 quilômetros do Santuário Nossa Senhora das Brotas (PARÓQUIA SENHOR MENINO DEUS, 2011).

Em outro Estado do Brasil, Rio de Janeiro, também as tradições culturais do tropeirismo são mantidas pelos novos tropeiros, como registrado na Cavalgada de Ouro, realizada em 23 dias de viagem que compreendeu de 28 de maio a 20 de junho de 2012, no Caminho Velho da Real – Caminho de Ouro, um trajeto pioneiro no escoamento das riquezas das Minas Gerais (Figura 8).



Figura 8 – Trilha do ouro, Paraty, Rio de Janeiro
Fonte: Guia Cuca, 2012.

O evento buscou reativar as atividades tropeiras e expandir aos turistas uma das marcantes histórias do Brasil: o ciclo do ouro (GUIA CUCA, 2012).

Sobre esses eventos, os registros indicam que a contemporaneidade trouxe as memórias coletivas, os registros e as interpretações comuns sobre o tropeirismo, a ponto de serem estabelecidos comportamentos que fazem de indivíduos os tropeiros de agora.

Com base na obra de Pellegrini, *A última tropa*, o ambiente do tropeirismo foi a base fundante do espaço e tempo para a criação do enredo e dos personagens, de modo que a leitura e a interação do texto deste romance em associação com o conhecimento da rota dos pioneiros permite ao leitor situar-se em uma memória narrativa da qual não participou ativamente, mas que lhe permite interagir, de certo modo, na saga tropeira do Brasil.

6 Conclusão

A característica de romance de memória de *A última tropa*, situado no contexto histórico do tropeirismo, exigiu estudo de fatos pertinentes da história do Paraná e das características de referencialidade do texto.

Paralelamente à história do tropeirismo, fez-se breve levantamento da literatura do tropeirismo. Embora não se tratasse, evidentemente, de uma autobiografia, a definição do gênero e outras considerações sobre memorialismo, forneceram fundamento para a análise.

Concluiu-se que Domingos Pellegrini não escreveu uma autobiografia, mas criou em sua obra literária um espaço autobiográfico, termo de Lejeune (2008), feito de fragmentos de sua experiência pessoal, em que deseja ser lido e interpretado.

A análise de A última tropa obra confirmou a capacidade do autor em trazer a história para o espaço-temporal contemporâneo, com a virtualidade e a tecnologia reinantes, bem como de sua capacidade criativa com respeito à base selecionada para a sua obra: o tropeirismo.

Referências

AMIGOS DO FUBÁ. *Tropeiros Nossa Senhora das Brotas participam de desfile de aniversário de TB*. 29 mar. 2012. Disponível em: <<http://amigosdofuba.blogspot.com.br/2012/03/tropeiros-nossa-senhora-das-brotas.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BACH, A. M. *Tropeiros*. Ponta Grossa: O Autor, 2010.

GUIA CUCA. *Cavalgada de ouro 2012*. 2012. Disponível em: <<http://www.guiacuca.com.br/evento/cavalgada-do-ouro-2012>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. *Tropeada Ponta Grossa 2013*. 2013. Disponível em: <<http://www.guiacuca.com.br/evento/tropeada-ponta-grossa-2013>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GUIA DE TURISMO BRASIL. *A Rota dos Tropeiros no Estado do Paraná oferece histórias, festas religiosas e vistas privilegiadas*. 2017. Disponível em: <<http://www.guiadoturismobrasil.com/roteiro/18/rota-dos-tropeiros-parana>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LITERATURA BRASILEIRA E PARANAENSE. *Literatura do Paraná*. 2017. Disponível em: <<http://literaturahelenakolody.blogspot.com.br/p/escritores-paranaenses.html>>. Acesso em: 02 out. 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. *Tropeirismo: um modo de vida*. Curitiba, 1989.

PARÓQUIA SENHOR MENINO DEUS. *Cavalgada no Parque Santuário*. 11 set. 2011. Disponível em: <<http://paroquiasenhormeninodeus.blogspot.com.br/2011/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

PELLEGRINI, J. D. *A última tropa*. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. “Cinco latas” In: *RUBEM - Revista da Crônica – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão*, 24 fev. 2014. Disponível em:

<<https://rubem.wordpress.com/2014/02/24/cinco-latas-domingos-pellegrini/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. “Vó Sebastiana”. In: *Globo Rural*, 5 maio 2017b. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2017/05/vo-sebastiana-cronica-de-domingos-pellegrini.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

ROCHA NETTO, B. M. *O Paraná, ensaios*. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

ROTA DOS TROPEIROS. *A rota*. Nov. 2017. Disponível em: <<http://www.rotadostropeiros.com.br/pagina.php?id=5>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SAMWAYS, M. B. *Introdução à literatura Paranaense*. Curitiba: Livros HDV, 1988.

SANCHEZ, M. *Um escritor na biblioteca - Domingos Pellegrini*. Curitiba. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SILVA, A. L. *A poética de Domingos Pellegrini: leitura de as sete pragas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VANALI, A. C. *Uma retrospectiva histórica da literatura paranaense*. Curitiba, 2014. 77p.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. 2. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

WILLE, J. A história do Tropeirismo no Paraná. In: *Portal Paraná*, 29 set. 2017. Disponível em: <<http://paranaportal.uol.com.br/blogs-memoria-paranaense/a-historia-do-tropeirismo-no-parana/>>. Acesso em: 09 nov. 2017.